

Algumas reflexões contemporâneas sobre cidades e Museologia

Manuelina Maria Duarte Cândido

Mini-curriculum

Manuelina Maria Duarte Cândido é Professora de Museologia na UFG, realizando estágio Pós-Doutoral em Museologia com supervisão de François Mairesse, na Universidade Paris III – Sorbonne Nouvelle (França). Licenciada em História pela UECE, Especialista em Museologia e Mestre em Arqueologia pela USP, Doutora em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Dirigiu o MIS-Ceará. Possui diversos artigos e livros publicados, incluindo *Gestão de Museus*, um desafio contemporâneo, na 2ª edição. E-mail: manuelin@uol.com.br.

Resumo:

Discuto aqui três possibilidades de abordagem para as relações entre cidades e museus / Museologia, quais sejam: pensar a cidade como um grande artefato; conceber o museu e sua edificação como elementos de requalificação urbana; e trazer a cidade para dentro do museu, incrementando as modalidades de participação da população.

Abstract:

I discuss here three possible approaches to the relationship between cities and museums / Museology, namely: thinking about the city as a great artifact; designing the museum and its building as elements of urban regeneration; and bring the city into the museum, increasing the modalities of participation.

Algumas reflexões contemporâneas sobre cidades e Museologia

Manuelina Maria Duarte Cândido

Há pelo menos três maneiras bem distintas e não excludentes de abordar as relações entre cidades e Museologia. São elas:

- 1- Pensar a cidade como um grande artefato;
- 2- Conceber o museu e sua edificação como elementos de requalificação urbana;
- 3- Trazer a cidade, o cidadão, para dentro do museu: agir para o incremento da participação nos museus em diferentes níveis.

Como contribuição para o 4º Seminário Internacional Museografia e Arquitetura de Museus: Museologia e Patrimônio (1914-2014) irei apresentar algumas reflexões contemporâneas nestas linhas, sem pretender ser exaustiva. Para tal, tomo como definição de Museologia uma de suas muitas acepções apresentadas na obra *Conceitos chave de Museologia*:

“A museologia é uma disciplina científica independente, específica, cujo objeto de estudo é uma atitude específica do Homem sobre a realidade, expressão dos sistemas mnemônicos, que se concretiza por diferentes formas museais ao longo da história. (Stransky, 1980 apud Desvallées e Mairesse, 2013)

Desenvolvendo a primeira perspectiva, enunciada como pensar a cidade como um grande artefato, afirmo a necessidade dos museus de cidade olharem para fora de seus muros, não de tentarem trazer a cidade ou fragmentos dela para dentro, mas de abrirem-se para a interpretação da realidade complexa das cidades contemporâneas. Esta abordagem, ainda não incorporada por muitos museus de cidade hoje, não é sequer nova, pois é possível perceber iniciativas desta natureza já desde o século XIX, como a do biólogo, sociólogo, educador, geógrafo e urbanista escocês Patrick Geddes:

«Joignant le geste à l'écrit, Geddes fonde l'Outlook Tower, ou «Tour de guet». Ce bâtiment, acquis par lui en 1892 et situé au centre d'Edimbourg, avait servi précédemment d'observatoire. Transformé par Geddes en musée-index, mais également en «laboratoire de sociologie», centre d'étude régionale (Regional Survey) et lieu de nombreuses réunions, le bâtiment devient l'observatoire de la ville: «Outlook Tower - la tour d'où l'on regarde, d'où l'on examine, d'où l'on considère». Composée de cinq étages surplombés d'une terrasse elle-même surmontée d'un dôme dans lequel a été installé une caméra obscure permettant d'embrasser toute la région d'Edimbourg, la tour se visite à partir de son point le plus élevé. C'est donc à la vision de la ville et de ses environs que le spectateur est d'abord confronté. La chambre noire enseigne l'art de voir, la terrasse offre d'autres points de vue, invitant à une étude plus minutieuse. Le cinquième étage décrit, par les plans et les cartes, la ville d'Edimbourg: son histoire, son développement urbanistique, etc. Un étage plus bas, et c'est l'Ecosse, puis l'Empire britannique et les pays de langue anglaise, puis l'Europe. Au rez-de-chaussée, par le biais d'un immense globe terrestre, le visiteur se situe enfin par rapport au monde. Après ce parcours initiatique reliant sa ville au reste du monde, le voilà prêt à se mêler à nouveau à la vie réelle.»ⁱ (Mairesse, 2000, p. 39)

Está tudo aí, portanto: o museu de cidade deveria assumir este papel de câmera escura que ensina a ver, de terraço que permite diversificar e relativizar os pontos de vista, de convite a olhar mais longe e com mais vagar. O museu como deflagrador de um olhar para fora, para a cidade, transformador do pensamento, capaz de repercutir em que o visitou muito após a visita, em sua própria vivência da/na cidade. Ademais, um espaço em que elementos precisos permitam ao visitante criar conexões entre a cidade e as demais, a região, o país, o mundo.

O Comitê para Museus de Cidades (CAMOC) do Conselho Internacional de Museus (ICOM), criado em 2005, tem defendido que os museus de cidade ganharão cada vez mais expressividade nos próximos anos, o que é corroborado por Maria Ignez Mantovani Franco (Vice-Presidente do CAMOC 2013-2016) que aponta os seguintes fatores para tal avaliação:

- Paris era a maior cidade mundial em 1950 – hoje está fora do ranking das 20 maiores cidades mundiais;
- São Paulo estava fora do ranking das 20 maiores cidades em 1950 – hoje está entre as 5 megacidades mundiais;
- Moscou dobrou de tamanho depois da Segunda Guerra Mundial;
- Lagos cresce mais de 5% ao ano;
- Há mais gente morando em condições subumanas em Mumbai do que a população total de Nairobi;
- A população que vive hoje em favelas no Rio de Janeiro é similar à de Helsinque, na Finlândia; Em 2030 haverá 5 bilhões de pessoas vivendo em cidades e a maioria das megacidades estará em países emergentes (Franco, 2009a, apud Duarte Cândido, 2013).

Segundo Franco (2009b, p. 28):

“Diante do cenário global apresentado, parece pertinente afirmar que nunca foi tão necessário criar *museus de cidade*, notadamente nas grandes megalópoles dos chamados países emergentes. Sabe-se, no entanto, que o modelo de *museu de cidade* disponível, até então, já não dá conta deste formato gigantesco e complexo que se interpõe. É preciso assumir a escala, a extensão do território, e partir para um formato mais plural, policêntrico, capaz de articular as forças sociais de forma competente.”

Como um museu pode representar uma cidade do tamanho de São Paulo, por exemplo? Parece que o problema é do tamanho da cidade. O que a autora propõe é um museu marcado não pela grandiosidade, mas pela capilaridade, assente no conceito dos museus de território.

Daí concluir, como Nichola Johnson, que os melhores museus de cidade são um ponto de partida para a descoberta da cidade, podendo conduzir as pessoas para olhar de maneira nova, mais informada e mais tolerante para a riqueza urbana e imaginar mais possibilidades para o futuro (Johnson apud Jones *et alli*, 2012, p. 15). A cidade é o maior artefato que um museu pode ter e além de ser muito complexa, está aberta a inúmeras interpretações (idem, p.12).

Sendo o CAMOC guiado pelo lema “nothing urban is alien to us”, manifesta seu interesse não apenas a respeito das coleções já existentes em museus de cidade, mas pela investigação sobre a cidade contemporânea, encorajando seus membros na coleção, preservação e socialização de material relacionado com o passado, o presente e o futuro das cidades, reforçando suas identidades e contribuindo para seu desenvolvimento (CAMOC, s.d.).

Franco (idem) afirmou então que o mais importante é refletir sobre como a nova geração de museus compreende este gigantesco artefato; a cidade, e evitar que as transformações do modo de viver não estejam sendo musealizadas. A autora também relembra que a chamada Nova Museologia realizou inúmeras experimentações de museus de cidades tomadas como território de intervenção, resultando em ecomuseus ou outros modelos, mas sempre com base em áreas reduzidas, fossem pequenas cidades e vilas, ou bairros no caso de cidades maiores; e que pequenas cidades não representam o modo de vida urbano de hoje. Daí o caráter inovador de sua tese, por analisar um projeto realizado ao longo de 2003 e 2004 para o Museu da Cidade de São Paulo, que embora não implantado até o final é inspirador por tratar, de forma singular, a musealização da metrópole e refletir de maneira propositiva sobre a necessidade de São Paulo ter um museu de história contemporânea (Franco, 2009b). Estes museus estão comprometidos não apenas com o passado, mas com o futuro das cidades (Orloff, in Jones *et alli*, 2008). E não se furtam aos dilemas da coleta contemporânea com todos os problemas inerentes à atribuição de valores e realização de recortes, seleções e exclusões:

“Ou seria necessário permitir ao tempo descartar os objetos que irremediavelmente *cairiam no esquecimento*, para então restar, e por via de consequência, preservar, naturalmente, aqueles ‘vocacionados’ a um processo de musealização? (Franco, 2009, p. 38-39)

Tomar a cidade como principal artefato do museu também é o argumento da reformulação programática do Museu Histórico Abílio Barreto, de Belo Horizonte, incluindo aí a curadoria estendida para a coleta contemporâneaⁱⁱ e a renovação da exposição de longa duração, que permitiram um “reencontro da cidade com seu museu” (Julião, 2004, p. 184). Assim, ao invés de apenas o museu pretender se abrir para novos públicos, de fazer a cidade vir até ele, a autora compreende que é imprescindível o museu também reencontrar a cidade, descobrindo-a sob novos olhares, aceitando sua heterogeneidade, suas contradições e estabelecendo novos critérios e metas a partir desta nova realidade (idem, p. 187).

Dentro da segunda abordagem proposta no início deste texto, encontra-se a concepção do museu como um elemento de requalificação urbana. Esta fórmula, da qual o Museu Guggenheim de Bilbao é o grande expoente, tem exemplos mais recentes como o Musée des Civilisations de l'Europe et de La Méditerranéeⁱⁱⁱ (MUCEM) em Marselha ou o Musée des Confluences^{iv}, prestes a abrir em Lyon, embora já existam defensores de um esgotamento do modelo^v. Estes projetos arquitetônicos tendem a reforçar uma ideia de que cada vez mais os museus são uma experiência que se desenrola desde os espaços de acolhimento e de serviços e as coleções não estão no centro da concepção do prédio, mas o público^{vi}. Mesmo quando as

áreas de entorno não estão degradadas, atribui-se ao museu a capacidade de agregar valor ao seu território de implantação e atraindo visitantes e trabalhadores qualificados, contribuir para um movimento de incremento de um destino com impactos econômicos assegurados (Ambrose e Paine, 2012).

Tal potencial é, sem sombra de dúvidas levado ao limite com a criação do “cultural district” de Abu Dabi, na ilha de Saadiyat, em que os museus Louvre Abu Dabi^{vii}, Guggenheim Abu Dabi^{viii}, Zayed National Museum of the United Arab Emirates^{ix} – amparado pelo British Museum mas, ao contrário dos demais, sem adoção do nome-marca do museu de origem – e alguns outros espaços culturais como o Museu do Mar e o Performing Art Center^x (<http://www.saadiyat.ae/en/masterplan.html>). Claramente, a motivação do projeto deste distrito cultural é criar uma ambiciosa alternativa econômica para Abu Dabi, antecipando-se ao esgotamento do petróleo que hoje sustenta os Emirados Árabes. A economia pós-petróleo seria, então substituída por uma economia baseada no turismo (Gob, 2010), tendo o distrito cultural como grande âncora.

Há, portanto, o recurso a um potencial dos museus influenciarem a economia de suas áreas de implantação (Smith, 1994), o que incorre em uma dupla relação dos museus com a sustentabilidade, pois ao mesmo tempo espera-se cada vez mais deles uma gestão auto-sustentável, por outro, aumentam as expectativas em torno de sua capacidade de criar condições para o desenvolvimento sustentável de um determinado lugar (Filipe, 2011). No Brasil, é emblemática a ação desempenhada pelo Museu de Arte do Rio de Janeiro dentro do projeto de renovação urbana chamado Frente Marítima, no qual alguns museus atuam como vetores, como o caso citado, e outros mais como beneficiários, caso do Museu Histórico Nacional analisado por Guimaraens e Iwata (2001).

Os modelos já mencionados, de sobremaneira inovadores no que tange a aspectos arquitetônicos e da gestão, muitas vezes são conservadores em termos conceituais, ainda que a coleção não seja o centro das ações, como foi referenciado anteriormente, pois a relação com o público é como consumidor, apenas. Isto ocorre apesar do museu ter diversificado sua oferta de produtos, que não é apenas a coleção, mas passa pela fruição do espaço, dos serviços (restaurante, loja, conferências, eventos culturais diversos) e, especialmente, da imagem do museu. Estas instituições estão, em geral (há exceções e como afirmamos inicialmente, as três abordagens propostas neste texto não são excludentes), pouco interessadas em trazer o cidadão para dentro do museu no sentido de um construtor de conteúdos e em agir para o incremento da participação no museu (ver Duarte Cândido e Lima, 2014), pois o público só é necessário enquanto legitimador e consumidor. Tais museus, sejam de cidade ou na cidade se inserem em uma lógica distinta daquela preconizada pela chamada Nova Museologia ou pela Sociomuseologia^{xi} de escuta e viabilização de desejos patrimoniais e iniciativas que venham da sociedade:

“Em relação ao eixo de sentido dos próprios *museus de cidade*, aqui considerados ‘tradicionais’ apenas como artifício de análise, este modelo ora apresentado assinala uma nova proposição, na medida em que se apropria de elementos teóricos da Sociomuseologia para reinventar as dinâmicas precedentes. Se antes os *museus de cidade* eram receptáculos de artefatos que tinham como missão referenciar a trajetória de uma determinada urbe, tendo nas dinâmicas sociais um elemento contextualizador do discurso museológico, neste novo modelo processa-se uma inversão: o *museu de cidade*, que se rege pela Sociomuseologia, considera que o discurso museal se dá a partir das questões, problemas e argumentos das populações em direção ao Museu e não em dinâmica inversa. Esta nova lógica revolve principalmente os conceitos de política patrimonial de acervos, na medida em que o tempo presente assume o protagonismo das ações.” (Franco, 2009b, p. 18)

Em diálogo com este movimento de inversão e de ter os museus abertos às questões, problemas e argumentos das populações, surgem experiências como a cocuradoria relatada por Duarte Cândido e Lima, referente à exposição *Ocupe o Museu (com) Memórias de Goiânia* ação conjuntas de iniciativas da equipe do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás e do curso de Museologia da mesma universidade, para a Semana de Museus de 2012. A proposta visando à interlocução com o chamado não-público, isto é, aqueles que não frequentavam o Museu consistia em um convite para sua ocupação em vários sentidos, “a começar pela elaboração conjunta de uma exposição, na qual a equipe do MA garantisse o apoio técnico e metodológico para a realização de uma proposta cuja concepção fosse construída por pessoas *de fora*.” (Duarte Cândido e Lima, 2014, p. 4)

A exposição, além resultar de um processo compartilhado em que as pessoas envolvidas puderam conhecer o fazer museal e apresentar suas próprias referências patrimoniais, evidenciando as escolhas e as disputas por trás dos mecanismos de construção da memória coletiva. A incorporação ao acervo do museu de algumas peças doadas pelos participantes da exposição (que desejaram deixar no museu os objetos que a princípio seriam apenas emprestados) aponta para mecanismos de coleta contemporânea que são também uma preocupação reiterada dos museus de cidade (Franco, 2009b, p. 18).

Esta é somente uma experiência dentro de um grande leque de possibilidades a desenvolver na interface museus e cidades, às quais o campo da Museologia tem estado bastante atento. Os museus das cidades de Frankfurt e de Amsterdã também desenvolveram propostas na linha *Ocuppy Museum* ou da participação comunitária de uma maneira mais abrangente. O tema da participação foi matéria da conferência anual do COMCOL (Comitê Internacional do ICOM para as Coleções) realizada em Berlim em 2011. Neste sentido, há um longo caminho a ser trilhado e novas perspectivas estão postas, como a chamada para o Participatory Museum (Simon, 2010) e diversas propostas similares que estão em pleno desenvolvimento.

Bibliografia

AMBROSE, Timothy; PAINE, Crispin. *Museum Basics*. 3rd Edition. New York: Routledge, 2012.

CAMOC - *Museums of Cities - International Committee for the Collections and Activities of Museums of Cities*, s.d.. Disponível online em <http://icom.museum/the-committees/international-committees/international-committee/international-committee-for-the-collections-and-activities-of-museums-of-cities/>. Acesso em 09 de fevereiro de 2013.

CAPPS, Kriston. "Why the U.S. Is Building a Fantastical Aquarium in Brazil" in *Citylab from the Atlantic*, 23 de julho de 2014. Disponível online em <http://www.citylab.com/design/2014/07/the-us-is-building-a-fantastical-aquarium-in-brazil/374766/> Acesso em 26 de julho de 2014.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. *Gestão de museus, um desafio contemporâneo: diagnóstico museológico e planejamento*. Porto Alegre: Editora Medianiz, 2014. 2^a Ed.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Duarte. "O CAMOC e o papel educativo dos museus de cidade". In: OLIVEIRA, Vânia Dolores Estevam de (Org). *Anais do IV Seminário da Rede de Educadores em Museus de Goiás: Educação, Museus e Cidades*. Goiânia: REM-Goiás, 2013. p. 31-35. (resumo expandido)

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. *Ondas do Pensamento Museológico Brasileiro*. Lisboa: ULHT, 2003. (Cadernos de Sociomuseologia, 20). 259 p.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria; LIMA, Nei Clara de. "Ocupe o museu (com) memórias de Goiânia: O público como construtor de conteúdos". In: *Revista MIDAS – Museus e estudos interdisciplinares*. V. 3, 2014. Varia e dossier temático: "Museos y participación biográfica". p. 01 a 12. ISSN: 2182-9543. Disponível online em <http://midas.revues.org/505>

FILIPPE, Graça. "O poder dos museus: reflectindo sobre as missões e a sustentabilidade dos museus, em teoria e na prática". Comunicação apresentada no Encontro Museus e Sustentabilidade Financeira. Museu Nacional Soares dos Reis, 7 de novembro de 2011. 09 p. Disponível online em http://www.icom-portugal.org/multimedia/Ficheiros/Filipe_%20G_%20O%20poder%20dos%20museus.pdf Acesso em 21 de julho de 2014.

FRANCO, Ma. Ignez Mantovani. *Museu de cidade: a cidade contemporânea como objeto museal*. Goiânia: Museu Antropológico da UFG, 2009a. (Conferência na Primavera nos Museus 2009)

FRANCO, Ma. Ignez Mantovani. *Museu da Cidade de São Paulo: um novo olhar da Sociomuseologia para uma megacidade*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2009b. (Tese de Doutorado em Museologia)

GOB, André. *Le musée, une institution dépassée? Éléments de réponse*. Paris: Armand Colin, 2010.

GUIMARAENS, Cêça; IWATA, Nara. “A importância dos museus e centros culturais na recuperação de centro urbanos”. In *Architexts*, junho de 2001. 21p. Disponível online em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/expedient/arquitextos> Acessado em 15 de julho de 2014

JONES, Ian; SANDWEISS, Eric; MOULIOU, Marlen; ORLOFF, Chet (Eds.). *Our Greatest Artifact: the city – Essays on cities and museums about them*. Istanbul: CAMOC, 2012.

JULIÃO, Letícia. “Visitando o futuro. O Museu da cidade, dez anos depois”. In: PIMENTEL, Thaïs Velloso Cougo (org.). *Reinventando o MHAB: o museu e seu novo lugar na cidade 1993-2003*. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 2004. p. 167-187.

MAIRESSE, François. «La belle histoire, aux origines de la nouvelle muséologie». In: *Publics et Musées*. N°17-18, 2000. pp. 33-56.

ORLOFF, Chet. “Museums of cities and the future of cities”. In: JONES, Ian; MACDONALD, Robert A.; MCINTYRE, Darryl (eds.). *City museums and city development*. Lanham: Altamira Press, 2008. p. 27 – 39.

SANTOS, Afonso Carlos Marques dos; KESSEL, Carlos; GUIMARAENS, Cêça (orgs.). *Museus & cidades: Livro do Seminário Internacional*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2004.

SIMON, Nina. 2010. *The Participatory Museum*. Santa Cruz, Califórnia: Museum 2.0. <http://www.participatorymuseum.org/>.

SMITH, Jeffrey K. “Exposições no Met, MoMA e Guggenheim: impacto econômico sobre Nova York”. In: *Cadernos de Memória Cultural*, Rio de Janeiro: Museu da República, Ano 6, n. 4, p. 07-12, 1994.

Referências para citação deste texto:

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. “Algumas reflexões contemporâneas sobre cidades e Museologia”. In: GUIMARAENS, Cêça (org.). **Museografia e arquitetura de museus**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2014. p.245-254. ISBN 978-85-61556-65-5

Notas:

ⁱ Tradução livre: “Unindo o gesto à escrita, Geddes fundou a ‘Torre Outlook’ ou ‘Torre de vigia’. Este edifício, adquirido por ele em 1892 e situado no centro de Edimburgo, havia servido previamente como observatório. Transformado por Geddes em museu-índice, mas também em ‘laboratório de Sociologia’, centro de estudos regionais e (Regional Survey) e lugar de numerosas reuniões, o prédio se torna o observatório da cidade: ‘Outlook Tower – a torre de onde se olha, de onde se examina, de onde se considera’. Composta de cinco pavimentos sobrepostos por um terraço, e este por uma cúpula na qual foi instalada uma câmera escura permitindo abarcar toda a região de Edimburgo, a torre é visitada a partir de seu ponto mais alto. O espectador é confrontado, portanto, à visão da cidade e seus arredores. A câmera escura ensina a arte de ver, o terraço oferece outros pontos de vista, convidando a um estudo mais minucioso. O quinto andar descreve, por plantas e mapas, a cidade de Edimburgo: sua história, seu desenvolvimento urbano, etc. Um andar abaixo é a Escócia, em seguida o Império Britânico e os países de língua inglesa, depois a Europa. No térreo, por intermédio de um imenso globo terrestre, o visitante se situa enfim em relação ao mundo. Após este percurso iniciático conectando sua cidade com o resto do mundo, ele está pronto para voltar novamente à vida real.

ⁱⁱ Vale lembrar que a coleta contemporânea é um dos temas mais candentes nos museus contemporâneos e dentro do ICOM deu origem, juntamente com outras questões, ao surgimento de mais um comitê temático, o COMCOL, Comitê para Coleções.

ⁱⁱⁱ Projeto do arquiteto Rudy Ricciotti, aberto em 2013.

^{iv} Projeto do escritório austríaco Coop Himmelb.

^v “This aquarium looks like the latest example of the so-called Bilbao Effect”, é o que diz Kriston Capps (2014) em uma matéria crítica sobre o megaprojeto em construção no Ceará de um Aquário, essencialmente ligado com o “efeito Bilbao”. Não se pode esquecer que pela definição de museus do ICOM e da maior parte das instituições na área, aquários assim como jardins botânicos e zoológicos podem ser também considerados museus.

^{vi} Comunicação oral da professora Anne-Sophie Godot, curso L’architecture des musées au XX^e siècle, Escola do Louvre, de 15 a 18 de julho de 2014. Note-se que a chamada Nova Museologia trabalha a partir da ruptura com as coleções como cerne dos museus e passa a se centrar no homem, mas são diferentes interpretações do que seja relativizar as coleções, como demonstrarei.

^{vii} Projeto de Jean Nouvel previsto para abrir ao público em 2015.

^{viii} Projeto do mesmo arquiteto de Bilbao, Frank Gehry, a abrir em 2017.

^{ix} Projeto de Norman Foster e que deverá abrir em 2016.

^x Os últimos projetos são confiados aos arquitetos Tadao Ando e Zaha Hadid, respectivamente.

^{xi} Assim como o termo museu tradicional tomado por oposição aos novos modelos museais são referidos pela autora citada a seguir “apenas como artifício de análise”, também utilizo aqui os termos Nova Museologia e Sociomuseologia sem pretender distinguir uma Museologia de outras, apenas para introduzir termos que se encontram em outros autores, apesar de particularmente eu trabalhar com a ideia de uma só Museologia com ondas de renovação (Duarte Cândido, 2003 e 2014).